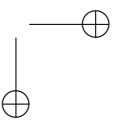
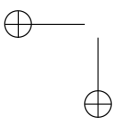
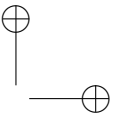
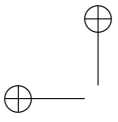


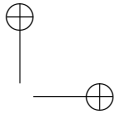
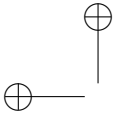
**A lição da ambiguidade na
filosofia de M. Merleau-Ponty**



Recensão: Artur Morão

www.lusosofia.net





LUSOSOFIA:PRESS

Covilhã, 2008

FICHA TÉCNICA

Título: *A lição da ambiguidade na filosofia de M. Merleau-Ponty*

Autor: M. Merleau-Ponty

Recensão de: Artur Morão

Colecção: Recensões LUSOSOFIA

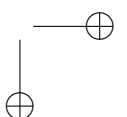
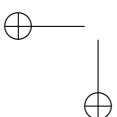
Direcção da Colecção: José M. S. Rosa & Artur Morão

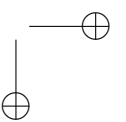
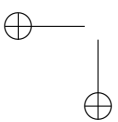
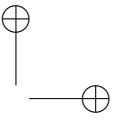
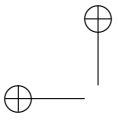
Design da Capa: António Rodrigues Tomé & José Rosa

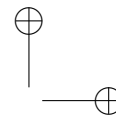
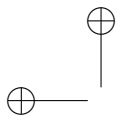
Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2008







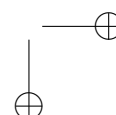
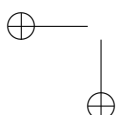
A lição da ambiguidade na filosofia de M. Merleau-Ponty

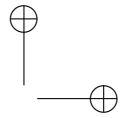
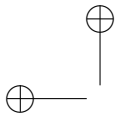
Artur Morão

**Obra recenseada:
M. Merleau-Ponty, *Palestras*, edição organizada e
anotada por Stéphanie Ménasé,
Lisboa, Edições 70, 2003**

Difícilmente se encontrará uma introdução mais oportuna e incisiva ao pensamento de Maurice Merleau-Ponty do que estas suas breves palestras. A concisão e a simplicidade do discurso, a expressão luminosa deixam entrever a profundidade das suas ideias e fornecem linhas e acenos de compreensão e de síntese.

De certo modo, e a propósito, poderia dizer-se que cada grande autor é uma espécie de vórtice vivo e perenemente agitado; a sua obra acaba por girar à volta de um olho central, que tudo atrai e puxa, de um núcleo atrator que gera um movimento de confluência, de espirais homocêntricas e dinâmicas que, por seu turno, arrastam outros elementos para a mesma circulação de ideias, de conceitos, de imagens, de enunciados interpretativos ou explicativos. É possível que, nesse fervilhar noético, nem todos os elementos sejam coesos – de facto, um projecto de pensamento nunca é de todo sistemático, por coerente que seja. Esse olho central, que tudo faz mover e arrasta para o remoinho criativo, para a obra que vai ganhando contorno e perfil, suscita uma unidade de textura vibratória, mas haverá fios que ficam soltos, elementos avocados que



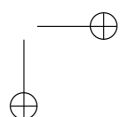
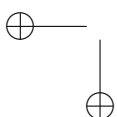


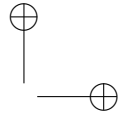
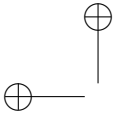
nem sempre se enquadrarão na moção de afluxo, de concurso e de convergência, a não ser por analogia, por metáfora, por paralelismo, por dissonância, por contraste. Apesar de tudo, o resultado último suscitará quase sempre uma impressão de consistência e de equilíbrio.

Em Merleau-Ponty, esse atractor nuclear é a percepção. À sua volta, aditiva, sinérgica e complexivamente, vão-se polarizando outros temas: o significado do corpo, a sua relação com o mundo e com os outros, a comunicação das consciências no mundo, a intersubjectividade como intercorporeidade, o nexos de desejo e palavra, a relação entre razão e linguagem, a efabilidade do sensível, o enlace entre o sujeito e o objecto mediante o corpo vivido, a secreta afinidade e complementaridade - em plena diferença - entre ciência e arte na revelação da carne do mundo.

Várias, e importantes, são também as consequências: a superação da alternativa interioridade/exterioridade, a ultrapassagem do naturalismo e do substancialismo (da vida ou do espírito), a cimentação da análise transcendental do sujeito na descrição fenomenológica do vivido da consciência e na sua relação de intencionalidade ao mundo, o deslindar e o realce do *cogito* pré-reflexivo, o reconhecimento do contributo das ciências humanas (por exemplo, da psicologia da forma), a perda da autotransparência do sujeito a si e às coisas, o inacabamento e a abertura essencial do objecto, a ambiguidade da consciência, a perspectividade e o ajustamento progressivo da percepção, a co-implicação recíproca de tempo e espaço na dimensão histórica dos homens, o pluralismo de visões do mundo.

Sem surpresa, a partir de tal ponto de mira surgem igualmente, inevitáveis, as críticas: dos múltiplos dualismos, da visão clássica cartesiana, do solipsismo gnoseológico, da pretensão cognitiva imperialista da ciência, dos excessos do racionalismo e do cepticismo, da obsessão fundacionalista na esfera do conhecimento.



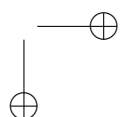
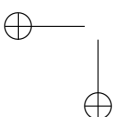


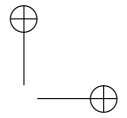
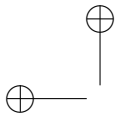
* * *

Alguns destes temas emergem brevemente nestas palestras.

Da percepção diz-se que não se pode tomar na sua enganadora e aparente imediatidade, como acontece na atitude prática ou utilitária, pois ela é o resultado do esforço longo e do dilatado tempo da cultura. Por outro lado, não é suficiente o procedimento científico para desvendar toda a profundidade do nosso encontro perceptivo com o mundo. A ciência, com as suas medidas, comparações, leis e esquemas, não é o melhor caminho para se aprofundar a natureza da percepção. O concreto e o sensível indicam-lhe antes a tarefa de uma elucidação interminável; o facto percebido, os acontecimentos da evolução e da história do mundo não se rendem ao intuito nomológico do discurso científico e, por isso, persistem na sua opacidade constitutiva. Mais, alguns desenvolvimentos da ciência (teoria da relatividade, mecânica quântica e outros) confirmam que a objectividade derradeira não passa de um sonho; levam-nos, portanto, a rejeitar a ideia de um observador absoluto e impedem que ao acto científico se atribua um rasgo dogmático ou uma espécie de olhar divino, com a sua capacidade de apreensão total.

Merleau-Ponty lembra repetidamente que não podemos descerrar o horizonte rasgado pela arte e pelo pensamento contemporâneos, que reabilitaram o mundo percebido (inesgotável na sua decifração) A pintura, a poesia e a filosofia, nas suas transformações mais recentes, ensinam-nos a olhar de uma certa forma para as coisas, para os animais, para o homem visto de fora, longe já dos pressupostos da razão e da ciência clássicas com as suas ideias claras ou simples, com a sua distinção de espaço e mundo físico, com a sua convicção acerca da face permanente do universo, com a exclusão do espectador do teatro das coisas e num cenário em que os objectos se encontrariam consigo mesmos numa identidade absoluta, com a visão de um espaço e de um tempo neutros e ho-



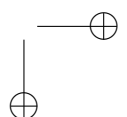
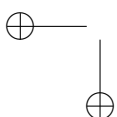


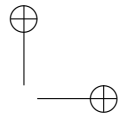
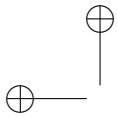
mogéneos sem a presença sensível do coração, isto é, no fundo não humanamente habitados.

A percepção também não é um acto de pura síntese intelectual, mas, além da sua necessária componente lógica, cognitiva e, por assim dizer, de cálculo (porque organiza, classifica, avalia, conjectura), insere-se em constelações afectivas, na rede do nosso múltiplo conceber e das diversas modalidades de pensamento, na cumplicidade do nosso desejo e dos nossos devaneios, na intermitência da nossa vida emocional. Eis a razão por que as qualidades dos objectos não surgem isoladas, mas estabelecem a correspondência e o conluio dos vários sentidos, se inserem numa movência de significações nunca de todo fixas, segundo o ritmo e a agógica do horizonte peregrinante do saber humano, que é a acção de sujeitos encarnados e dramáticos arrojados ao mundo e vivendo sempre tensivamente a sua história.

Nem as coisas se nos apresentam neutras ou significativamente amorfas e vazias, antes flutuam em atmosferas e turbulências de sentido, em que as suas qualidades específicas se abrem umas às outras, dirigem apelos mútuos, porque inscritas na pericorese (circulação) de todas as operações humanas do responder aos estímulos do mundo, do imaginar, do valorar, do esperar, do eros do entender, da solicitude do viver, da tentação e do abuso do dominar, da ânsia do habitar e do fruir, e assim por diante.

Não são, pois, neutras as coisas; significam-se a si mediante o nosso gesto corporal, noético e hermeneutizante, que as arranca ao seu mutismo cúmplice e hermético, mas também, com o seu estilo específico de ser, adumbram as nossas condutas e nos significam a nós, numa interface incindível, que junte todos os tempos das nossas vidas. Transparecem e desvelam-se em cada qualidade sua e na constelação de todas. Traem a nossa definição delas, no nosso intento infundável de semantização do real multinivelado e enigmático; não só nos desvendam a sua densidade, a sua profundidade, mas também nos servem de espelho onde nos lemos e descortinamos,

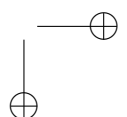
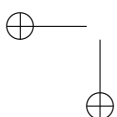


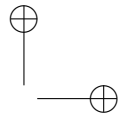
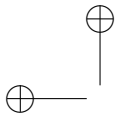


onde explicitamos o nosso comportamento e elas nos lêem, no recíproco investimento delas e de nós, no seu diálogo com o nosso corpo.

Não são, de facto, neutras as coisas, porque se integram nas múltiplas narrativas da nossa existência; com elas e sobre elas exercitamos o traço essencial que nos caracteriza, a simbolização. É por isso inadequada a nossa relação às coisas expressa na simples dominação, no trejeito ditatorial do poder, numa distância espiritual neutra, que, nos seus pressupostos, apenas traduz um fundo de indiferença ontológica e gnóstica em face da carne do mundo, de que também somos feitos. Perdemos então a ‘proximidade vertiginosa’ entre elas e nós, oculta-se-nos o seu ‘halo’ e (porque não?) a sua aura, que as artes (a pintura, a poesia) - sempre atentas denunciadoras da ilusão de nos considerarmos puros espíritos - procuram restituir e dilucidar.

Se neutras não são as coisas, se não se situam apenas no puro espaço, mas, através da nossa percepção, coexistem e imiscuem o ser ser e o seu devir na trama da nossa vida, da nossa biografia e na nossa difícil epigénese pessoal, e nós, no convívio com elas, reaprendemos a ver o mundo à nossa volta e despertamos para a profundidade misteriosa do nosso vínculo corporal - se, pois, elas neutras não são, então, para lá dos nexos físicos, químicos e outros que com elas temos, comungam no nosso olhar em perene transformação, sempre perspectivado, e na nossa acção multiforme. Acordam-nos, ademais, para o facto de que a nossa razão não é nem jamais será divina, para a humildade da nossa condição terrena que partilhamos com os animais e as plantas. Levam-nos, portanto, a vislumbrar as raízes irracionais da vida humana, a obscuridade do húmus cósmico onde esta vai beber as suas energias e de que se arranca para a luz do sentido, mediante ramos e cachos de significações novas e inéditas que tem de compor e de estruturar, num jogo que engloba ao mesmo tempo o trabalho do conceito, o devaneio, a combinação aleatória, o desvario, a interferência de





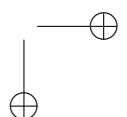
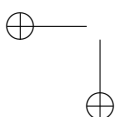
fantasmas vindos não se sabe donde, o achado de correspondências inéditas e o cabouco sempre surpreendente da linguagem.

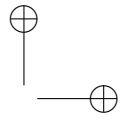
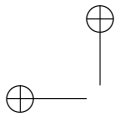
Não admira, pois, que Merleau-Ponty denuncie as insuficiências da visão clássica, avessa a reconhecer o seu inacabamento constitutivo: primeiro, a infravaloração do animal que nos recorda a nossa existência arrojada ao mundo, os nossos fracassos e os nossos limites; em seguida, da criança que, supostamente, não passaria de um adulto em miniatura e imaturo; por fim, do primitivo e do louco que ou ainda não teria chegado à razão ou já fora dela se encontraria; e ainda o tácito acordo de princípio entre o pensamento dos homens e o ser das coisas, a obsessão da coerência absoluta e o empenho fundacionalista.

Esquecem também os clássicos que o sujeito percipiente, e por isso pensante, devido à sua condição de encarnado, não enceta sozinho a aventura do pensar e do conhecer.

Coexiste e comparte ele com todos os seres vivos o destino de inventar pelo seu comportamento uma visão peculiar, de ‘formar’ e estruturar um certo mundo através da percepção, que não pode descolar do seu corpo. Rodeado de coisas, mas não só, não é um puro Si mesmo, nunca vive primeiramente na consciência de si, nem sequer das próprias coisas, mas na experiência de outrem, no entrosamento de uma cultura, na partilha da vida, de instrumentos e de uma história comum, em que a linguagem é o meio essencial. Nasce ele assim para si, como sujeito, somente no diálogo, num complexo relacional de subjectividades socialmente configuradas, onde aprende preferências, se ‘interioriza’ e experimenta o peso pessoal da decisão e da liberdade, de que os outros jamais o poderão dispensar.

E com os outros vai o sujeito construindo o consenso dos espíritos e a razão, que está sempre à frente, no futuro, no risco, sob a ameaça do fracasso, e não atrás, como se fora uma fonte donde mana infalivelmente a justeza da nossa conduta ou a verdade do





nosso discurso sobre o mundo e as coisas. Não consegue nem alcançar a razão de modo definitivo nem a ela renunciar.

Merleau-Ponty acentua, uma e outra vez, que a novidade da nossa época consistiu precisamente em aprender a olhar-se a si mesma a partir de baixo, em desenvolver um olhar estranho para a nossa espécie, pela acção conjunta da literatura, da ciência e da arte; que ‘ver o homem a partir de fora é a crítica, a saúde do espírito’. Tal constitui igualmente uma descoberta de quão ameaçada é a vida humana, não propriamente absurda, mas capaz, apesar de tudo, de preparar momentos de reconhecimento e de encontro recíprocos.

A arte (em especial a pintura), porque ressonância da percepção, é nisto um guia precioso: põe-nos diante do mundo vivido, ensina-nos a perceber, não a definir; não reproduz a realidade nem imita o mundo, mas eleva fragmentos de natureza a mundo e a espectáculo para si, em que a forma e o fundo, devido ao enovelamento de todos os pormenores, à alusão recíproca das partes, não se podem separar.

Também na coisa percebida estão unidos o fundo e a forma, o mundo natural e o mundo cultural; porque é perspectivada, também oculta e mascara. Eis porque perdemos o dogmatismo e a certeza dos clássicos na arte, no conhecimento e na acção. Daí, também a ambiguidade e o inacabamento de tudo o que fazemos, o esforço infundo do processo de uma objectivação que só pode ser aproximativa. Na descoberta desta verdade da nossa condição de sempre, caracterizada pela incerteza e pela insegurança, fomos ajudados pela ciência, mas sobretudo pela arte e pela reflexão filosófica.

Lisboa, Janeiro de 2003

